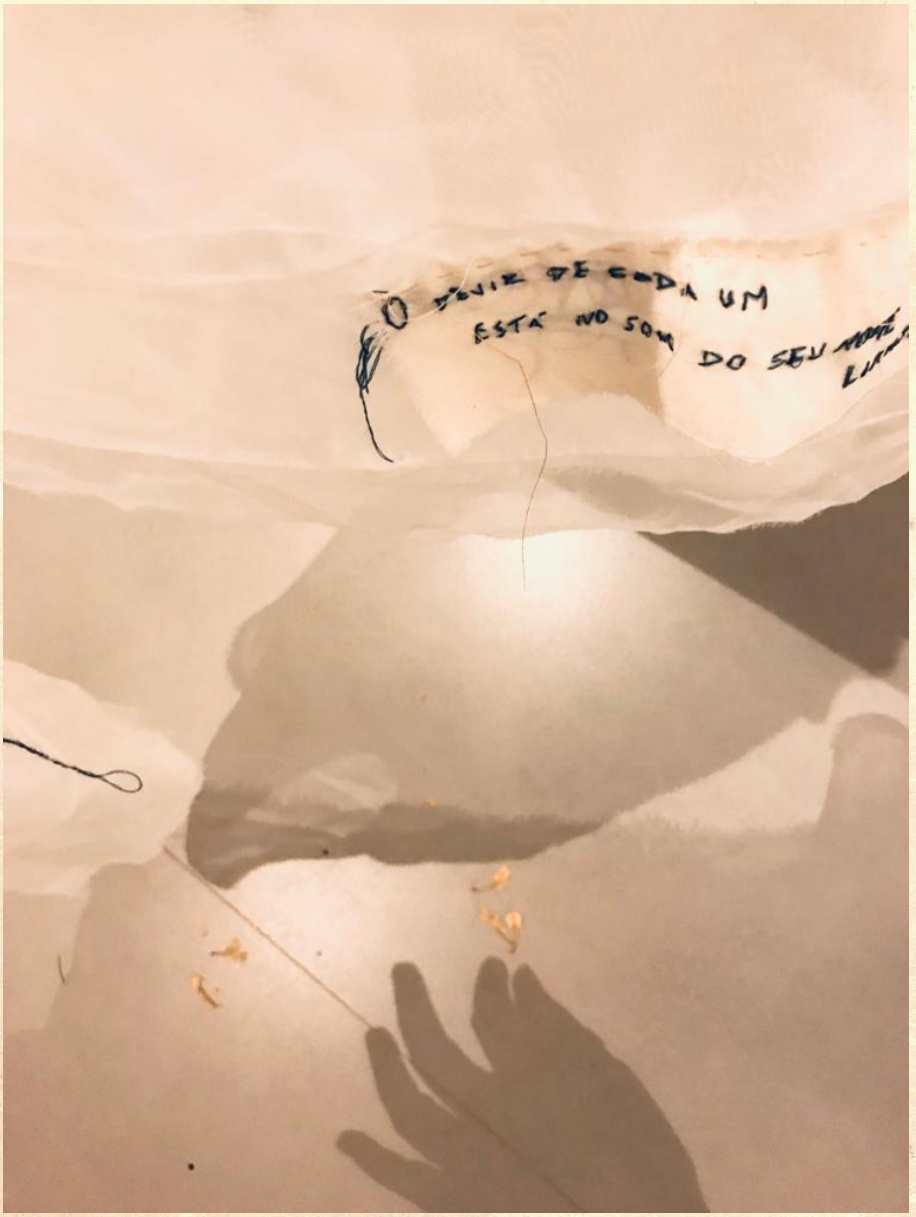
Caminhada como Método para Arte e Educação – A Casa Tombada

Ana Maria Rodrigues da Costa

Entre águas : amarinhar



Salvador, 2023

Trabalho de Conclusão da Pós Graduação Latu Sensu:
CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO

Entre águas: amarinhar
Caminhar, Arte e linhagem
Por Ana Maria Rodrigues da Costa

Orientadora : Doctora Honoris Causa Edith Derdyk

Orientador: Roberto Barbosa

Direção geral d'A Casa Tombada : Dra Ângela Castelo Branco Teixeira & Dr Giuliano Tierno de Siqueira

Salvador
2023

Dedico esse texto ao meu avô materno, Manoel Cruz.

"Como uma fonte nascida no meio da água; e, por vezes, nesse nascimento da luz, inscreviam-se palavras e frases." Maria Gabriela Llansol

Resumo: o presente texto visa relacionar o ato de caminhar com a ancestralidade e o mar, sendo tomados para nortear o estudo, reflexões e leituras feitas durante a pós Caminhada como Método para Arte e Educação, em compreensão do movimento de caminhar como uma experiência atávica.

Palavras chaves: caminhar, linhagem, mar, paisagem, sensorialidade.

Abstract: this text aims to relate the act of walking with ancestry and the sea, using as a guide for studies, reflections and readings made during the Graduate “Walk as a method for Art and Education”, understanding the movement of walking as an atavistic experience .

Keywords: walk, lineage, sea, landscape, sensoriality.

Escrever sobre algo que atravessa, o lugar de caminhos feitos por ancestrais revisitados, atualização de passos que acordam memórias, algo que permeia a singularidade e as sensações, do indescritível em palavras numa tentativa de descrever algo do campo sutil da existência, inspirada nas provocações e aprendizagens com Edith Derdyk e Roberto Barbosa durante o percurso na Caminhada como Método para Arte e Educação.

Para tanto e na busca de contextualizar a experiência, trago como suporte inspirador, cinco citações de Maria Gabriela LIansol, escritora portuguesa, no intuito de apresentar cada percurso e representar o mar de Portugal.

O texto é contado em 5 percursos feitos durante a caminhada, as citações de Llansol são inspirações poéticas e metáforas para dialogar com cada trecho percorrido.

Também, como arcabouço de pesquisa, busquei em Jorge Larrosa, David Le Breton, Merlin Coverley, Tim Ingold, Frédéric Gros, Gaston Bachelard e Clarice Lispector, um cais para partir na escrita enquanto amarinhante.

A escrita se constrói entre passos, na busca de descrever a experiência do caminhar em tempos diferentes, percursos alinhavados com fios de mar, restos de sol e temporalidades.

Contar a estória através das sensações do caminhar em cada percurso e assim refazer caminhos da linhagem, lugares antes habitados.

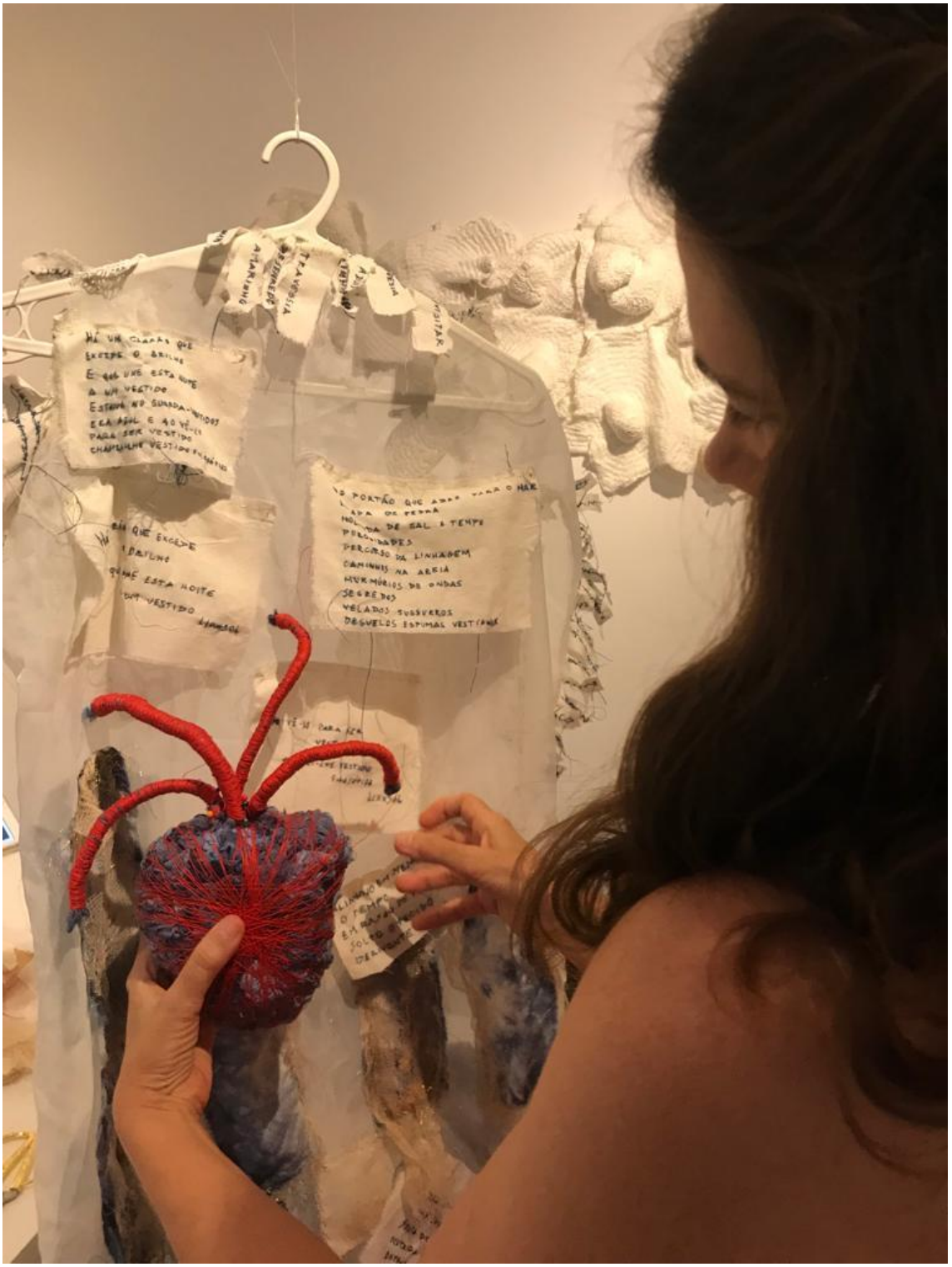
Encontrar em rasgos de paisagem, rastros da minha existência, encontros e retornos em correntes da maré.

Amarinhar passos, construir uma linha de memória que se desenha na praia entre marés, da cheia à vazante, vestígios de outros tempos que o mar deixa como herança, como uma preamar.

> *Coverley(2014) descreve que Tim Ingold enfatiza os claros paralelos entre o fluxo da narrativa no ato de contar uma história e o passo firme do caminhante ou andarilho enquanto ele se desloca de um lugar para o outro: "Assim, contar uma história é relatar, numa narrativa, as ocorrências do passado, percorrendo novamente um caminho por um mundo em que outras pessoas, tomando recursivamente os fios de vidas passadas, podem seguir no processo de fiar-se(...) na história..."*

Merlin Coverley

Entre passos..



De casa para casa

Pequeno dicionário Amarinhante

Durante o processo de escrita, fui trazendo algumas palavras que norteiam o caminhar, como se fosse um dicionário próprio do caminho no mar, palavras de um diário de bordo marinho para servir também a quem possa ler e assim acompanhar as marés.

Amarinhar: verbo inventado. Habituar-se ao mar.

Carocha: suporte de lata com estopa e querosene para acender na ponta, pequena lanterna para iluminar a praia à noite, muita usada por mim e por meus irmãos para caminhar na beira-mar no escuro.

Linha: traço real ou imaginário que separa duas coisas, limite.

Linhagem: linha de parentesco, genealogia.

Alinhavo: costura provisória.

Alinhavar: o que não se define, provisório no lidar com as incertezas e estados das marés, linhas que se encontram para contar histórias.

Maregrafia: registro de fluxos e refluxos da maré.

Preamar: é o auge da maré cheia e contrapõe-se a baixa-mar. Preamar médio é a linha, traço ou vestígio deixado na praia, pelo bater incessante e contínuo das águas do mar.

Redemoinho: turbilhão de água ou vento em movimento de rotação.

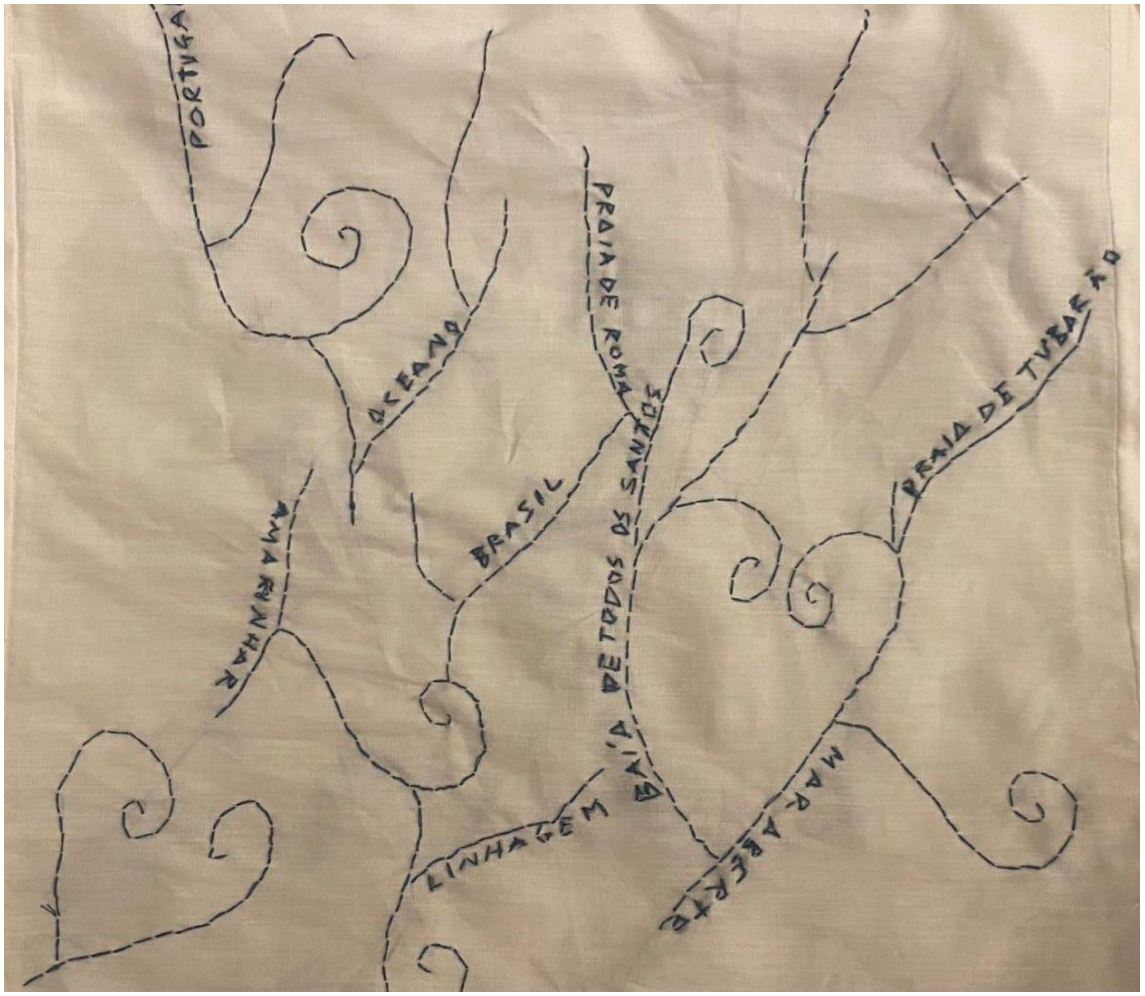
Da cidade ao mar

Um pouco de como cheguei ao mar e como nasceu esse processo de escrita:

Em uma das proposições para caminhar e anotar menires, em um percurso feito da minha casa à casa da minha mãe, dentro da cidade, fui construindo uma cartografia com plantas que encontrei no caminho e aguçaram a memória da minha primeira casa da infância. Foi assim que nasceu a vontade de revisitar e caminhar por lá e por outros trechos que meus pais e avós habitaram.

Durante os percursos se inscreviam as palavras, a partir de sensações e algo se desenhava deste caminhar.

Cheguei à linhagem e ao desejo de mergulhar e refazer percursos dos meus ancestrais, construindo uma maregrafia afetiva.



passos

Um bordo contido de imensidão aquosa contorna o caminhar, alinhavo de estórias no tempo, marés que acompanham passos, ligados pela memória afetiva, ancestralidade e coragem.

Uma rota de linhagem traçada em estórias, do mar de Portugal à Baía de todos os Santos, tal uma linha, se desenha no tempo.

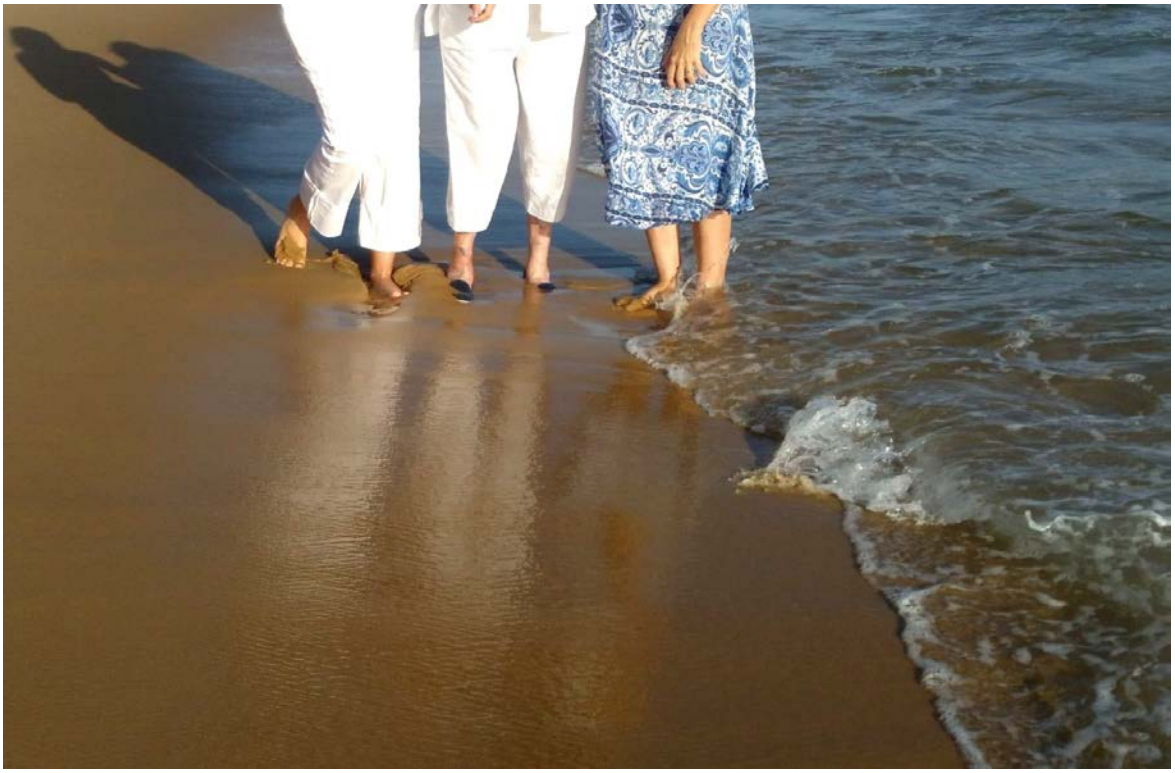
> "*A cartografia diferentemente de um mapa, representação de um todo estático, é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo dos movimentos de transformação da paisagem.*" Suely Rolnik

Atualizar em passos que constituem o caminho, mares atravessados, travessias em paisagens marinhas, ciclo de marés, correntes de retorno, redemoinhos, encontros trazidos pelo mar em tessituras de vidas.

Alinhavar

Antes dos meus, outros pés, vestígios do vir a ser, seguem o fluxo das marés .

Uma listra deixada pelo tempo, o que sobra das águas, da maré cheia à vazante, traços palpáveis, linha de memória.



Conto estórias em diálogos com as marés que acompanharam os passos da minha linhagem ,refazendo percursos atualizados em sensações, assim desaguaram trechos poéticos do caminhar, palavras nascentes de paisagens afetivas.

> "*O corpo é a profusão do sensível. Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas com todos os seus sentidos. Entre a carne do homem e a carne do mundo, nenhuma ruptura, mas uma continuidade sensorial sempre presente.*
>
> *O indivíduo só toma consciência de si, através do sentir, ele experimenta sua existência pelas ressonâncias sensoriais e perceptivas que não cessam de atravessá-lo.*" David Le Breton

Passos

Amarinhar – Habituar-se ao mar.

Caminhar entre águas, em passos contornados pela maré , caminho à incerteza, a vastidão do mar que encontra o olhar caminhante, a dobra do horizonte que nunca se alcança, alimenta o sonho da travessia no tempo que reverberam em meus pés, de outros mares que atravessam, um mar que separa e também une em atravessamentos de afetos

O contorno do mar dialoga com o contorno da pele e ambos aninham as águas em balanço de marés.

Pele-mar, em ondas, embalam sonhos e acompanham as mudanças dos amarinhantes passos: travessias, vai e vem de ondas que modelam o cais que tocam, limite que se transforma, poroso de tempo.

> *"O mar é para todos os homens um dos maiores, um dos mais constantes símbolos maternos"* acrescenta Bonaparte em G. Bachelard

Apaziguar

Percurso 1 Caminho Casa de Mãe

Cordão Umbilical

"*Crio-me sentada a beira de minha origem, e é dessa borda que me ramifico*" Maria Gabriela Llansol

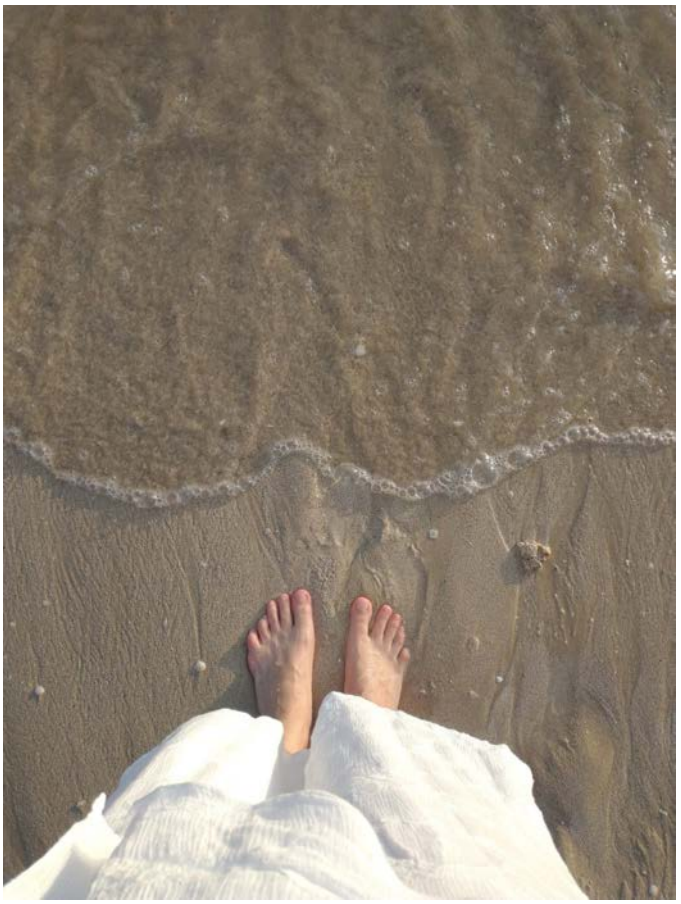
Caminho repetido algumas vezes, acordaram memórias em sensações, em passos, de casa para casa, proximidades e distâncias, refazer caminhos, alinhavar o tempo , apaziguar, na chegada, uma xícara de chá para entardecer, mãe e filha.

Percurso atravessado por plantas como sinais, intercaladas no caminho, desvelam a primeira casa que dava para o mar. Da pitangueira à murta, eleitas como pausas (menires), acendiam memórias de outras casas.

Os passos foram construídos a partir desse contato e o desejo de assim retornar a algumas paisagens habitadas por minha linhagem.

O desenho de uma maregrafia, um mapa de afetos moventes, ondantes, nasceu desse experimentar.

Fazer as pazes com a paisagem, devolver ao mar, soltar.



Passos

“ Ao caminhar, nada se desloca de fato: em vez disso, é a presença que se instala lentamente no corpo. Ao caminhar, não é tanto que nos aproximemos- as coisas que estão lá é que se tornam cada vez mais insistentes em nosso corpo. A paisagem é um pacote de sabores, cores e aromas que o corpo absorve.” Frédéric Gros

Travessia e atravessamentos

Folhas de amendoeiras umedecidas

Sombra e luz alternam em meus pés

Os barcos adormeciam na praia de tubarão

Dançando entre ondas

Enferrujadas âncoras

Jasmins percorrem telhados

Refazem na terra caminho do vento

Primeiras estrelas

A brisa da varanda

Abertura de peito estreito

Respiros

Pedras

Musgos

Limo

Perfume da floresta

Tecido azul toca a pele

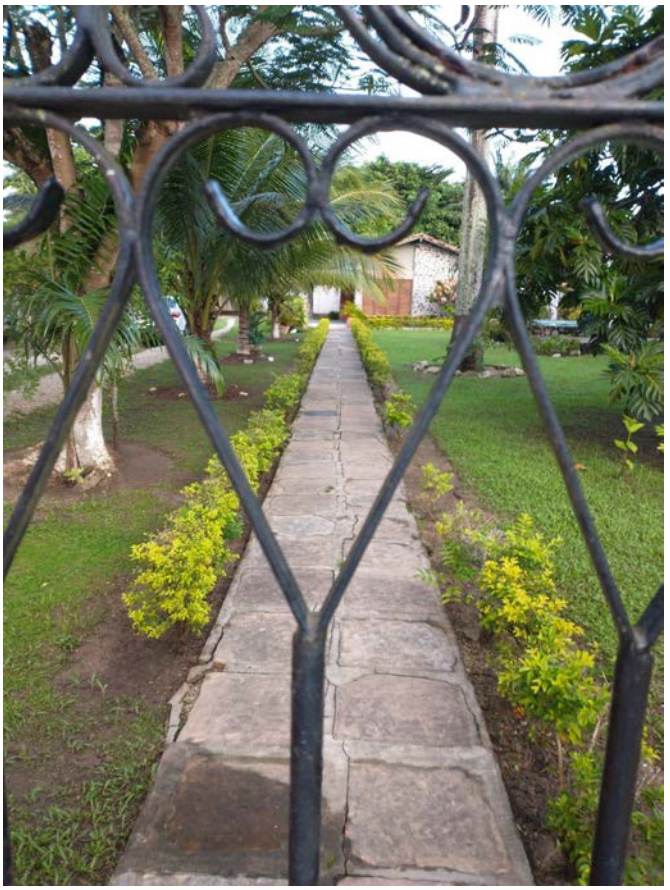
Som de grilos acolhem a noite

O ontem-agora

árvores velam passos e tropeços em maciez

Raízes rompem a terra em histórias

Perfume da murta



De casa para casa

Na rua de lamparinas amarelas

Escorre cor de anoitecer

Atravesso

Solta de umbigo

Nutrida de cordão

Para outras marés

Entre passos

De casa para casa

Passos

Alinhavar

Passos

Apaziguar

De casa para casa

Água morna do chá

Mãe e filha

A primeira casa

A passos do mar

Amarinho tempo

Ensaio solturas

Passos

Percurso 2 – Casa das mangueiras a praia de tubarão

Caminho pele vestida de memória

“Não foi o mar, mas seu movimento que foi nos dado em herança.” Maria Gabriela LIansol

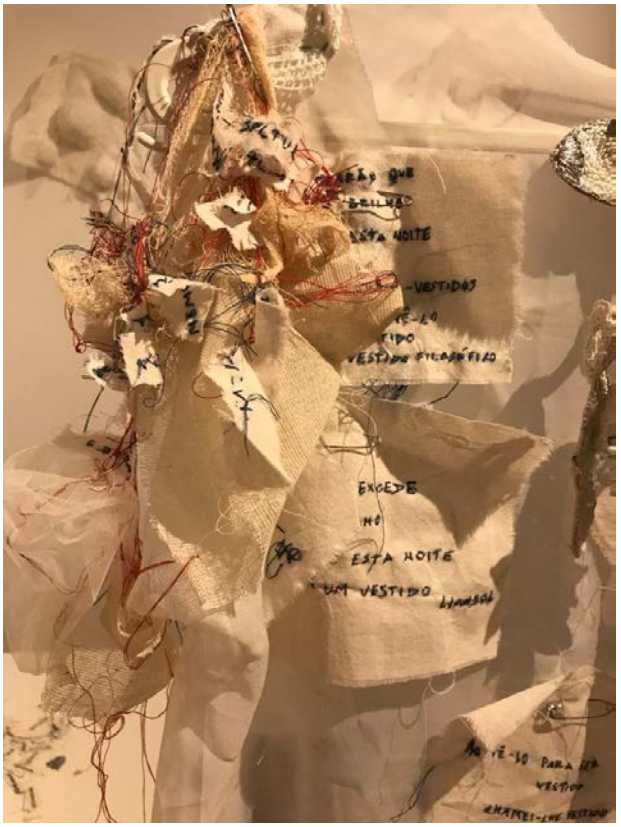
A pele da experiência

Dos passos da criança

Pés tocam a areia. Crianceiros, sentiam o desenho do mar no chão da vazante. Percorriam toda praia entre ondulações, uma e outra, poças ora com reflexo do sol, mar de água morna, ora prateadas pelo rastro da lua cheia. Alunizar em rastros. Carochas acendiam em latas como vagalumes percorrendo território do mar deixado pela maré.

Recordar sensações do efêmero que o mar guarda, eternamente.

> *“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. ”*
> Jorge Larrosa



de casa para casa…

Vestida de memória

Paisagem, desloco.

Toco.

Textuarizo o sentir

Desmancho no mover

Desvelo tapete no chão.

Pisar em trilha úmida.

Desfoco no olhar marejado, paisagem.

Coleto sensações.

Desboto

Amarelados rasgos do tempo desmanchado pelo vento

Em folhas que cato no chão.

Templo de afetos

Arquivo o efêmero em livro.

Nas poças reflexos do céu do que foi chuva.

Arvorejo.

Do caminho de pular pedras chego ao cais.

Sobe gosto de sal

Respinga no redemoinho do cabelo.

Som de conchas embrulhadas no tecido aquoso de onda.

Levada na corrente da maré, entardeço.

Solto, dissolvo.

Deixo um pouco.

Levo um pouco mais.

A passos do mar

Coverley (2014) descreve que Tim Ingold vê a vida humana como definida *" pela linha do seu próprio movimento, um processo que inscreve através da paisagem uma marca que pode ser lida por gerações posteriores*."

Revisitar a casa da infância, percorrer com os pés espaços, quintais.

> *"Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida... pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa."*
> Gaston Bachelard

Em gestos do sentir fui reconhecendo os troncos de algumas árvores, o caminho de conchas, o canto da lavadeira. Como um radar sensorial no peito, algumas vozes no vento acordavam memórias de outros tempos.

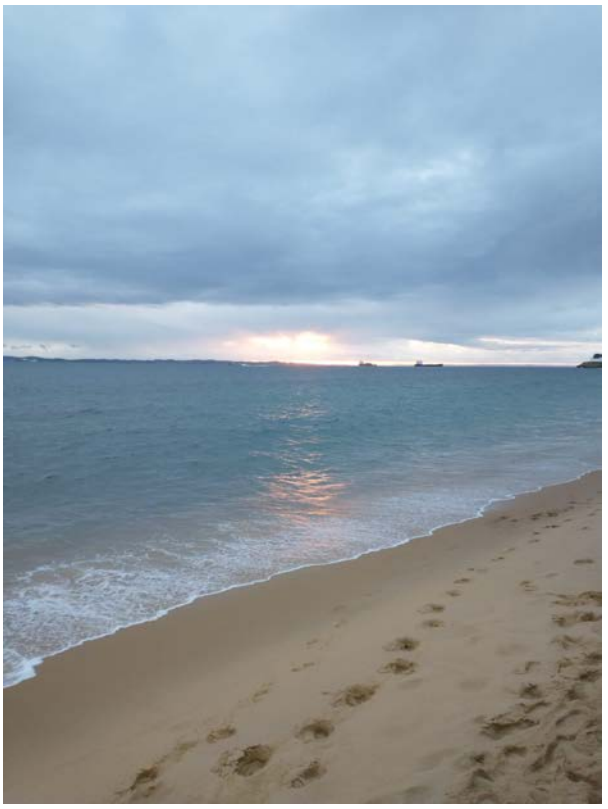
A paisagem distorcida no olhar, o é do que se foi, casa revisitada, atualizada em uma sinestesia, um templo de afetos tecido por sensações.

Água morna de chá

Percurso 3

Casa 8 a Casa 8 - praia de Roma – encontro dos meus pais

“ A perda do mar pela areia é inevitável.” LIansol



Do portão que abre para o mar

Escada de pedra revestida de limo

Molhada de sal e tempo

Porosidades

Na praia o percurso da linhagem

Portais

Antes dos meus pés, outros pés

Caminhos feitos na areia

Ir e vir

Vai e vem de passos que ensaiavam os meus

Em murmúrios de ondas

Segredos

Velados sussurros

Entre luas

Virações da maré

Desvelos

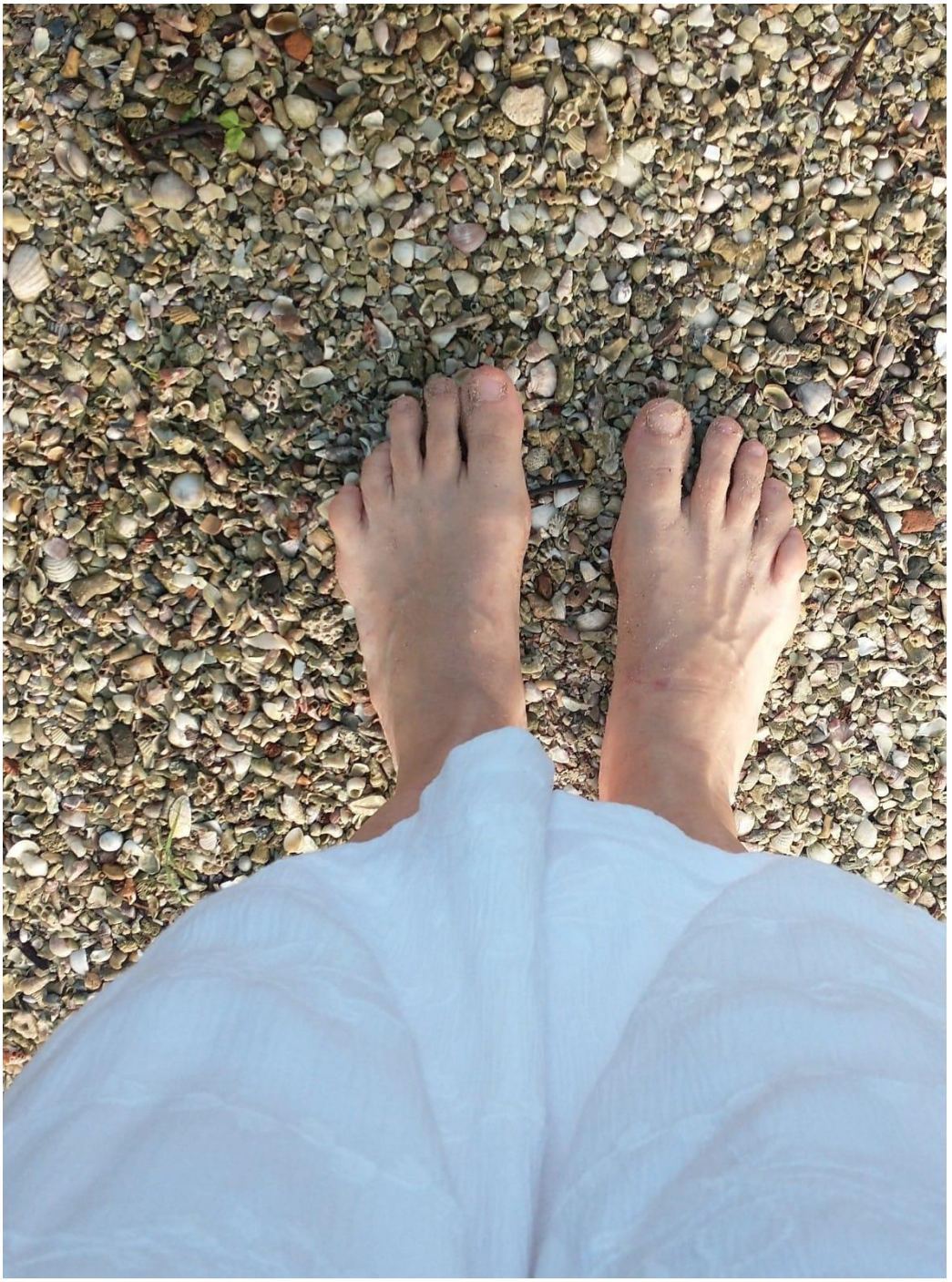
Promessas

Da casa 8 à casa 8

Linha na areia

Espumas, resquícios, vestígios

Mãe e filha



A primeira casa

Percurso 4 - Praia do Buracão - Rio vermelho

Annas

“ O devir de cada um está no som do seu nome.” M. G Llansol

Nossos cabelos misturados no vento

Descem escadas pisando mansamente no manto de Iemanjá.

Céu misturado de cinzas e azuis.

Juntas nos deixamos ali, na praia deserta levadas pelo contorno da água.

Em mim muitas passo pra ela

Me deixo molhar em uma onda

Nas mãos, seguro um pouco de sal

Acaricio o rosto com água

Benzimento salgado

De pés de areia, na proteção da rainha

Ali bem ali, marejamos o olhar

De uma cumplicidade alinhavada no tempo

Do habituar-se ao mar...

Amarinho tempo

Percurso 5 - Da baía ao mar aberto

"Há um *clarão que excede o brilho, e que une esta noite a um vestido. Estava no guarda-vestidos, era azul, e, ao vê-lo para ser vestido, chamei-lhe vestido filosófico.”* M. G. Llansol

Passos

Encontro

Casa de pedras

Conchinhas escavadas do terreno marinho

Profundezas

Resquícios

Alternância de marés

Do azul ao céu cor de chumbo

Desabar

No corpo escrever

Tecidos de vida

Rabisco na areia um mapa

Refaço traços

Trago de volta um vestido na corrente da maré

Tecido com resto do sol

Sussurros do vento

Jasmim ventado

Em movências azuis conto o caminhar

Alinhavo em memória o tempo

Em rasgo da paisagem

Solto

Derivante flutuo

Amarinho imensidades

Desenredo.

Em percursos afetivos, procurei contar algo da experiência do caminhar, vivido durante o processo que mergulhei na pós *Caminhada como Método para arte e Educação.*

Me despeço assim ao me vestir para despir da estória, em um vestido , feito durante os percursos, em palavras que se inscreviam das sensações, bordadas e alinhavadas em tecido pele- memória.

> *[...] nela, por ela, com ela, tocam-se o mundo e o meu corpo, o que sente e o que é sentido, ela define sua borda comum. Contingência que quer dizer tangência com o mundo e o corpo, cortam-se nela, acariciam-se nela. não gosto de dizer meio como lugar onde meu corpo habita, prefiro dizer que as coisas se misturam ao mundo e que se misturam a mim. A pele intervém em várias coisas do mundo e faz que se misturem."* Michel SERRES

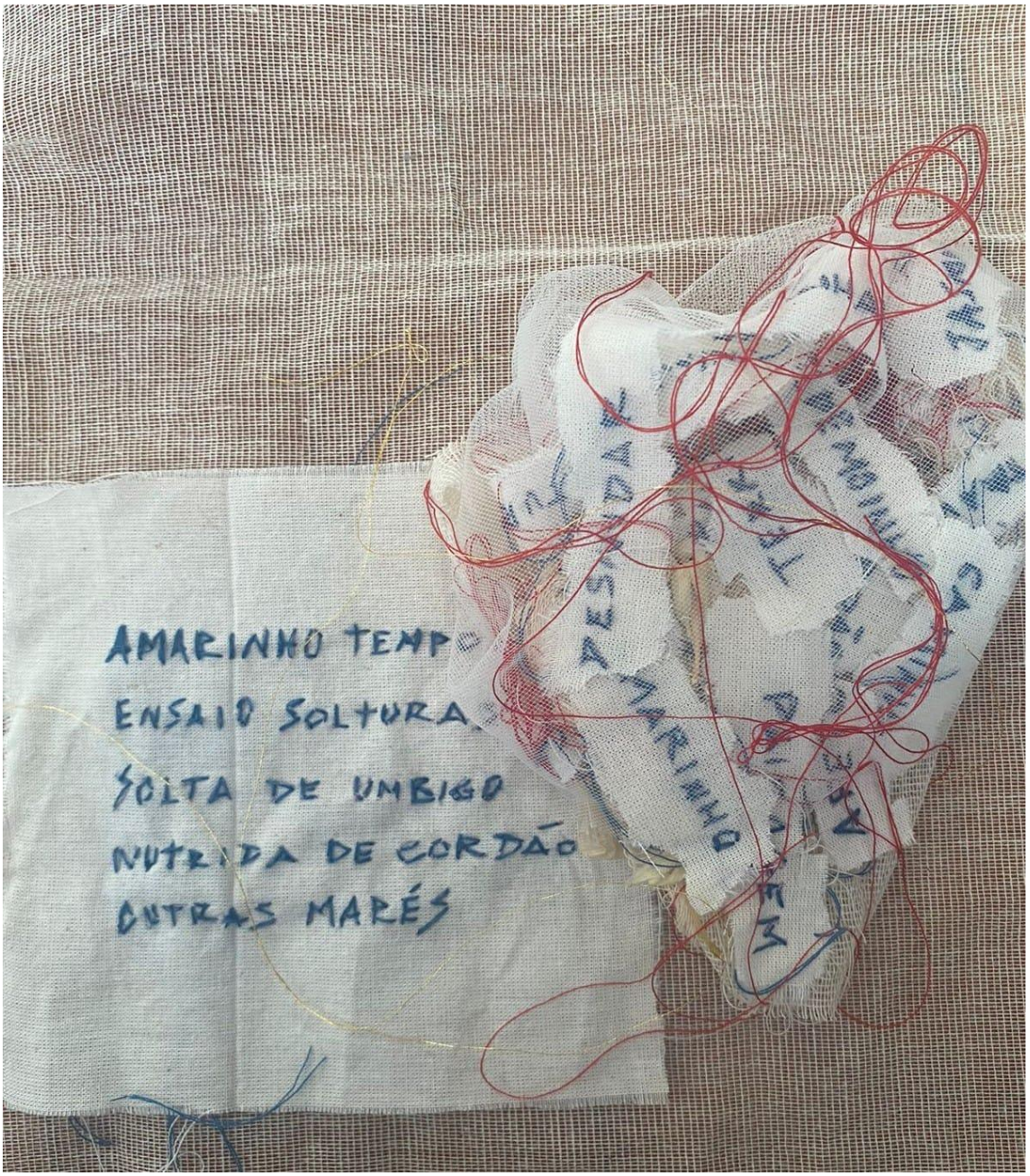
O vestir e o despir como ato de despedida, de soltura e também de agradecimento.

Honrar os meus passos e assim vestir-me de outras estórias.

Levei os vestígios azuis, alinhavos temporais, tecidos textos bordados, flores de jasmim secas, gaze tingida de chá, paninhos de vó e mãe para o atelier da minha amiga Dôra Araújo.

Fui envolvida por ela em tecidos espuma do mar, reminiscências se integravam, e, enquanto alinhavava, em meu corpo algo tomava corpo, corpo do caminhar. Em meu coração um filme passava. E a voz da Edith, o olhar terno do Roberto, os colegas em suas janelas-telas e a escuta do processo de cada um também tornou-se vestido.

Entre um ponto e outro de Dôra, escorreu o sal no tecido, a maré subiu e desabou em alinhavos com resto do sol no mar.



Retorno a uma das primeiras perguntas feitas por Edith:

- *O que se espera encontrar ao caminhar?*

Eu não espero nada, a não ser familiarizar-me amorosamente com as incertezas que trazem o caminhar e, um passo após o outro, desvelar.

Desembrulho um vestido do caminho, um desfazer para refazer e assim, despir-se (despedir).

"*E agora pisa na areia. Sabe que está brilhando de água, e sal e sol. Mesmo que o esqueça daqui a uns minutos, nunca poderá perder tudo isso. E sabe de algum modo obscuro que seus cabelos escorridos são de um náufrago. Porque sabe – sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano*." Clarice Lispector

Bibliografia:

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, WMF Martins Fontes, 2018 (página 120)

_____ *A poética do espaço*, Martins Fontes, 2003 (p. 26)

BRETON, David. *Antropologia dos sentidos.* Vozes, 2016 (p. 12)

COVERLEY, Merlin. *A arte de caminhar: o escritor como caminhante.* Martins Fontes, 2014 (p. 13)

GROS, Frédéric. *Caminhar uma filosofia,* Ubu, 2021 (p. 42)

LARROSA, Jorge. *Tremores, escritos sobre a experiência*. Autêntica, 2021 (p.25)

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.* Rocco, 1969

LLANSOL, Maria Gabriela. *Livro das comunidades,* 7 Letras, 2014

_____. Disponível em https://www.instagram.com/com_llansol/

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*, *Transformações contemporâneas do desejo*, Estação Liberdade, 1989

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos*. Bertrand Brasil, 2001 (p.81)